

# Outra Pauta

Oficina de Reportagem

## JUNÇÃO DE ELEMENTOS JUÁ PARA NÃO ENJUÁ

✎ Mirielly Ferraça (Jornalismo - UNIPAR)

♪ "Venha vamos cantar, para as nuvens negras que o vento faz ao tocar as notas os acordes dessa linda mas amarga falsa mas verdadeira... vida". ♪♪

♪ "E se tudo for verdade? E se tudo for mentira?/  
Perdeu-se a liberdade/ Ganhou-se o dia-a-dia!". ♪♪

♪ "Se eu for você então/ o que será de nós?  
Nessa ilusão que o tempo leva/  
ganho um motivo para não me entregar/  
A plenos corações/ a batida marca de  
fogo as estações/ de um novo tempo e lugar/  
silenciando o que não dá pra escutar". ♪♪

O que acadêmicos dos cursos de Letras, Psicologia e Engenharia Civil podem ter em comum? Um gosto afinadíssimo pela arte de fazer música. A mistura desses três cursos distintos fez com que nascesse a banda Juá. Formada há um ano, iniciou a pouco o rito das apresentações pela cidade.

Tudo marcado!

Rafael Ruiz diz: Marcamos o ensaio amanhã para as três...

Mirih diz: humm

Rafael Ruiz diz: Se você quiser vir aqui em casa lá pelas 14h40...

Mirih diz: Beleza Rafa, passo sim!

Rafael Ruiz diz: Beleza!

Em pleno domingo chuvoso fui acompanhar um dos ensaios da banda, eles têm até um charmoso estúdio improvisado, onde se reúnem, sempre que possível.

## EDITORIAL A DIFÍCIL ARTE DE DAR A VOZ

colabora para que isto aconteça. Dar-se conta dessa glossolalia que transborda das páginas matinais é algo que introduz na formação de um jornalista uma perspectiva de superação do destino que o grande rebanho legitima passivamente. Sem questionar as próprias regras que regem sua produção, um jornalista não se habilita a questionar qualquer outra regra que regula a vida em sociedade. Aí está a condição como exercício para qualquer crítica: em primeiro lugar, a auto-reflexividade. Por mais que a vida de um jornalista se desenvolva nos bastidores dos rituais que fundamentam o cotidiano, quem se dedica a esta difícil arte de dar a voz não está fora, separado da sociedade. Não pode estar. Aliás, estar fora, apartado, afastado, são todos sentidos que se sintetizam no que há de definitivo enquanto trágico no termo "alienado".

Articular essa dimensão de emergência de sentidos que permeiam o social de forma latente é o horizonte pelo qual se pode pensar o jornalismo não simplesmente como legitimação de uma realidade de mercado. A dimensão acadêmica da formação de profissionais de imprensa implica na afirmação desse imperativo ético. Só assim se pode formar alguém para atuar nas páginas, auto-falantes e monitores que amplificam as vozes desse sentido maior que o social sempre faz irromper por entre os recortes ideológicos dos discursos. Para que a linguagem jornalística não seja reduzida a mera expressão de um discurso de poder, revertendo-a como concretização de um exercício liberdade que traduz a potência das palavras no poder discursivo que reconfigura a própria relação dos indivíduos com a realidade. ✎

Continua p. 2 ▶▶

É uma polifonia. Uma multiplicidade de vozes. Não há como ser diferente no jornalismo – essa difícil arte de dar voz ao que de outra maneira não teria condições de se expressar em sociedade.

Tornar manifesto de alguma maneira o que subjaz como potência do inconsciente. O crítico Mikhail Bakhtin chamava isto de glossolalia – termo que em sua origem é de extração religiosa e que diz respeito à emergência de expressões em uma "língua estranha", desconhecida. "Falar em línguas". Glossolalia, num contexto psiquiátrico, significa também a fala desarticulada que se manifesta em condições patológicas como a esquizofrenia.

Por mais que se tente controlar a fala de um jornal através de procedimentos padronizados segundo rotinas de produção, o resultado sempre vai ser a emergência de um sentido produzido para além desses mecanismos. Até mesmo o mais alienado dos jornalistas

Segunda-feira, 17/11/2008 - Paraná  
Ed. 31 / Ano 1 / Turma 2



Patch  
Work

—“A vida do homem sem qualidades são inúteis as injunções morais. E, arriscando-me aqui a ser inatual ou, na melhor das hipóteses, compreendido com atraso, é ela, essencialmente, que nos interessa. “A mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei, a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal”. Essa observação de Roland Barthes, a respeito de Sade, merece reflexão. Com efeito, o paradoxo, em seu sentido mais estrito, é o pró-

prio da vida comum. Repousando na empiria, esta última é, estruturalmente, polissêmica. Não possui um sentido determinado, mas sentidos que são postos à prova e vividos à medida que vão surgindo. É propriamente isso que deveria interdizer-nos o espírito sério e sua conseqüência direta: a *paranóia*. O saber ligado à “razão instrumental” é um saber ligado ao poder. Ao homem de conhecimento só convém um tipo de “Inação vigilante” (Raymond Abellio) que era, em seu momento fundador, o próprio da “*scholê*”, a saber, o lazer estudioso. Assim fazendo, o conhecimento, deixando de lado o poder e sua *libido dominandi*, pode ficar atento à potência popular, ao seu lento crescimento e à sua irredutível postura.

É estando desapegado em relação aos diversos ideais impositivos e universais, é estando enraizado no ordinário, que o conhecimento responde melhor à sua vocação: a *libido sciendi*. Por que não dizer: um saber erótico que ama o mundo que descreve. Assim, pela purgação do geral, da Verdade, daquilo que é tido como correto, pode encarar-se o plausível e os possíveis das situações humanas. Uma deontologia tal, no sentido indicado pouco acima, não se pode simplesmente afastar com as costas da mão.

(MICHEL MAFFESOLI, EM “ELOGIO DA RAZÃO SENSÍVEL”)

## O INÍCIO

## THE BEVERLY HILLBILLIES

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

**M**úsica! A leitura da alma. Como arte e vida. Junção de alma e coração. Além do simples, de qualquer sentimento, transcende qualquer fronteira. Encanta a qualquer um. Não importa o ritmo, o canto, o tom. É ‘RÉ’ dali, ‘DÓ’ daqui, ‘MI’ de acolá. E mesmo assim é música. Defino música como um bem universal, que a cada qual se faz necessário a sua maneira e singularidade.

## APRESENTAÇÃO:

Ficha sonora singular:

- Jardel Riedl Guilherme - 21 anos
- Curso: Engenharia Civil - Vocal e Violão
- Henrique Perissato Mangialardo - 22 anos
- Curso: Medicina - Bateria
- Renan Menezes - 21 anos
- Curso: Publicidade e Propaganda - Baixo de Pau

O que ambos têm em comum: Todos são de Curitiba. E gostam de música.

Com todas essas informações em uma única junção está para surgir a banda: *The Beverly Hillbillies*. Com um estilo musical *Rockabilly*, *Psychobilly* e *Hillbilly*, um estilo totalmente diferente do que se ouve aqui em Cascavel, eles juntam tudo isso e compõe seu próprio jeito musical. Renan comenta que aqui em Cascavel é muito difícil ter lugar para ouvir *Rock and Roll* - “aqui é só sertanejo, o Henrique é um cara que adora sertanejo”. Já percebi quando ouvi o CD que eles colocaram para tocar, me veio à mente um som *country*, Alan Jackson. (risos)

Como não sei nada sobre esse estilo, além do que os meninos da banda me passaram, busquei informações no endereço mais procurado em situações como essa, o *www*, a internet. Um breve resumo do estilo *Rockabilly* segundo o site Wikipédia: “*Rockabilly* é um dos inúmeros subgêneros do *rock and roll*. Tornou-se conhecido durante os anos 1950, devido a artistas norte-americanos. Durante aquela década, o gênero foi impulsionado por batidas atrativas, guitarras e contrabaixos acústicos que eram tocados usando a técnica *slap-back* - batendo nas cordas, ao invés de puxá-las individualmente”.

Renan já tocou na Orquestra Federal do Paraná, e também na Embap: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, aonde cursou música por um tempo, mas desistiu. Jardel é o autodidata da banda, aprendeu a tocar sozinho. E Henrique toca desde muito pequeno.

A entrevista continua. Entre risadas, conversas, devaneios. Os garotos me receberam gentilmente. Meu gravador não desgrudava de mim, sempre com a luz vermelha acesa, que diz: estou de ouvidos atentos a tudo o que está sendo dito.

Porém, em uma cidade onde a maioria do público ouve sertanejo, ainda arrisquei perguntar a Renan se Cascavel teria público para esse novo estilo. “Não, aqui não, mas a gente quer tocar porque é divertido. É *hobby* mesmo, *diversão*”. Ele pondera que tem pessoas que conhecem esse estilo, mas superficialmente. Talvez com o tempo as pessoas

Nem tampouco se haverá de esvaziá-la pela habitual conspiração do silêncio. É certamente tentador. E é freqüente que acadêmicos e jornalistas, cada um em seu domínio respectivo, lancem mão desse expediente. De fato, é mais cômodo ceder às facilidades da mídia, adotar construções teóricas cujos contornos já sejam conhecidos. Mas, como toda endogamia, esta tem seus limites, e seus perigos já começam a poder ser apreciados. O principal deles é ficar-se, cada vez mais, desconectado da realidade da qual se deseja dar conta. Está entendido: nada mais resta a esperar do saber estabelecido. Sem distinguir tendências, ele vinculou por demais sua causa ao exercício do poder. E mesmo criticando-o, ficou-lhe por demais contradependente. O interesse, agora, está noutro lugar”.

comecem a gostar mais. Eu mesma sou um exemplo disso, ao ouvir música do estilo *country* associei ao estilo dos meninos, não é exatamente igual, mas parecido. “Agora no carnaval em Curitiba vai acontecer um dos maiores festivais do mundo de *Psychobilly*, provavelmente nós vamos pra lá, vamos assistir. Várias bandas de *Hillbilly* e *Rockabilly* tocam lá, é bem bacana”.

A idéia de montar uma banda, segundo Jardel, começou no início desse ano. “Sempre em conversar de bar”, disse Henrique.

Quando questionei quais as bandas que eles têm como modelo. Nossa!!! Surgiram muitos nomes. A maioria norte-americana. Tantas palavras em inglês até se embaralharam na minha mente. Nomes que eu desconheço por fazer parte de um estilo com o qual não estou habituada.

Digo! Foi uma entrevista de umas duas horas, em uma tarde de sábado. Muita informação importante e nova para minha cabeça absorver. Nunca ouvi tanto inglês em uma única tarde. Bem mais do que numa aula de inglês de ensino médio. Eles não puderam tocar para eu ouvir, não tinham todos os instrumentos ainda, faltava a bateria, mas pude ouvir as músicas semelhantes ao estilo musical da banda. Durante a entrevista, inclusive, eles estavam discutindo formas de como adquirir a bateria. Sim. A banda está apenas no começo. Como disse o Henrique ela ainda não saiu do papel. Mas creio que vai sair. Para encerrar a entrevista, disse a eles:

- Quando ficarem famosos me chamem para os shows!

Até temo ter cometido algum erro no texto, mas foi positivo o contato com esse estilo tão diferente. E viva a música! Música é o remédio para qualquer estresse. ☺

Foto: Juliana Tokarski

